

UM FILTRO CHAMADO JESUS

Aldemario Araujo Castro
Advogado
Mestre em Direito
Procurador da Fazenda Nacional
Brasília, 14 de julho de 2024

No tranquilo bairro de Águas Claras, repleto de ruas arborizadas, havia uma pequena padaria chamada "Pães do Céu". O ambiente acolhedor do local contrastava com a frieza de seu proprietário, o Sr. Francisco de Assis. Alto, de cabelos grisalhos e modos severos, ele mantinha uma visão profundamente cáustica sobre como as coisas deveriam ser feitas. E sua rigidez não se limitava às questões do negócio.

Na padaria, trabalhava Marcus, um jovem negro de sorriso largo e habilidades excepcionais na arte da panificação. Seu talento era inegável, mas para o Sr. Francisco de Assis, sua presença era uma constante fonte de irritação. Marcus, além de negro, era abertamente gay, o que aumentava o desconforto do patrão. Nos momentos de maior pressão, Francisco não poupava comentários agressivos, racistas e homofóbicos.

Apesar das enormes dificuldades, Marcus se mantinha firme em seu posto. Ele não apenas dominava a arte da panificação, como também conquistava a clientela com seu carisma e dedicação. Os pães que saíam de suas mãos habilidosas tornaram-se famosos e atraíram clientes de outros bairros da cidade. No entanto, o Sr. Francisco se recusava a reconhecer o mérito de Marcus, atribuindo todo o sucesso da padaria apenas ao nome estabelecido ao longo dos anos.

Em uma determinada ocasião, Rosilene, uma das clientes mais assíduas, questionou o Sr. Francisco acerca do tratamento dispensado ao empregado. A resposta de Francisco não poderia ser mais inusitada. Francisco afirmou que era um homem extremamente religioso e seguia a Bíblia com toda energia e rigor quanto à forma de tratar Marcus. Na sequência, apontou as seguintes passagens das escrituras:

“Servos, sujeitem-se a seus senhores com todo o respeito, não apenas aos bons e amáveis, mas também aos maus” (Pedro 2:18)

“Se alguém ferir seu escravo ou escrava com um pedaço de pau e como resultado o escravo morrer, será punido; mas, se o escravo sobreviver um ou dois dias, não será punido, visto que é sua propriedade” (Êxodo 21:20-21)

“Não erreis: nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os avarentos, nem os bêbados, nem os maldizentes, nem os roubadores herdarão o Reino de Deus” (Coríntios 6:10).

Os trechos são perturbadores? As afirmações causam estranheza, indignação e repulsa? Assim como essas passagens, outras tantas, com as mesmas características, podem ser encontradas nas “escrituras sagradas”, especialmente no Antigo Testamento.

A Bíblia é um livro (ou conjunto de livros) de extrema importância. Trata-se, é crucial compreender isso, de uma rica e complexa compilação de escritos humanos submetidos às influências culturais próprias do contexto histórico. Contém uma grande quantidade de informações históricas relevantes, relatos inspiradores e registros marcantes da passagem de Jesus pela Terra.

O chamado cânon católico resulta de uma decisão essencialmente humana no Concílio de Hipona, realizado no ano de 393. Naquele evento, foram escolhidos os livros integrantes da Bíblia, assim como excluídos outros. Aliás, elementos fundamentais da tradição católica foram votados e aprovados naquela ocasião.

O maior problema com o texto bíblico é ser tomado como a “palavra de Deus”. O segundo maior problema é ser interpretado literalmente, desconsiderando o contexto histórico-social dos escritos e, o mais relevante, o filtro de compreensão da vida proposto por Jesus.

Jesus foi o principal protagonista da mais significativa revolução humana. A prática e a pregação de Jesus foram direcionadas para colocar o amor no centro do convívio humano. Não custa lembrar a máxima para o relacionamento social que sintetiza as lições de Jesus: “ame ao seu próximo como a si mesmo” (Mateus 22:39). Todos, sem distinções, são próximos. Na fala de Jesus não existem adjetivações (branco, preto, bonito, feio, heterossexual, homossexual, rico, pobre, culto, analfabeto, parente, amigo, colega de trabalho, etc).

Jesus explicita a maior das obviedades. Todo ser humano é dotado de uma dignidade inerente a essa condição. Decorre do que foi dito por Jesus que essa dignidade é igual na diversidade.

A lição de Jesus é muito mais profunda. Em verdade, nossa essência, para além de toda aparência e convenção social, é espiritual. Todos somos espíritos eternos e indestrutíveis. Fomos criados com inteligência e livre-arbítrio destinados à perfeição.

Portanto, qualquer escrito bíblico, qualquer escrito humano, qualquer circunstância pessoal ou qualquer contexto social deve passar pelo filtro generosamente ofertado por Jesus. Tudo aquilo que não passar pelo teste revolucionário e radical do amor deve ser recusado.

Este trecho da Bíblia, entre tantos outros, inequivocamente recebe a chancela de Jesus: “Ainda que eu falasse a língua dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, ... nada seria” (Coríntios 13:1-2). Portanto, não é uma aparência, uma preferência ou uma circunstância social que subtrai a condição humana. Aquilo que esvazia a existência, retirando dela todo e qualquer sentido, é a falta de amor.